

HAVIA QUE SER DITO (UMA ESPÉCIE DE MISSIVA)

Ondjaki

*(...) O resto é a lentidão e o desenho na areia
que se faz só para ser apagado.*

Ana Paula Tavares

Caro Luuandino,

Às vezes penso que devemos vencer aquilo que seja a timidez ou algo parecido e simplesmente sentar: a dizer as coisas que nos vão na alma e na ponta dos dedos.

Tempos houve em que os da minha geração o leram na escola. Isso seria, assim, em nós, um começo com coisas sérias da literatura. Ali se separavam as leituras e os leitores: quem voltasse aos seus livros era porque desejava estar um pouco mais no universo complexo dos seus conteúdos e da sua linguagem.

Com o tempo, aprendemos que esse ‘voltar aos seus livros’ era o início de uma viagem demorada e elíptica. Os mistérios não se suavizavam, o português, tão seu, era de uma aspereza poética e perturbadora. Isso mais a doçura e as chicotadas do kimbundu.

Quem privou consigo de perto, terá também visto os gestos redondos das mãos, o olhar pueril mas cheio de futuros, a sabedoria nos silêncios e na escolha das palavras. Alguns de nós terão passado anos a pensar o que o Luandino terá feito com a sua escrita e a sua solidão em tempos de reclusão. Alguns, poucos, tê-lo-ão incomodado com cartas em papel de escrever à mão na expectativa (humana) de receber uma resposta escrita pela sua própria mão. A letra desenhada, o esmero do desenho, a fugacidade do traço, os ecos da simbologia que reconhece quem pode. Alguns terão mesmo recebido missivas suas, entre poesia e serena confissão.

Hoje venho também dizer-lhe que esteja descansado: quem foi levado pela mão dos seus personagens não se esquece deles. As cicatrizes das leituras, afinal, são marcas que secretamente carregamos pela vida. Não lhe saberia dizer, nem com as melhores palavras ou munido da melhor sorte, a companhia e a aventura interna que João Vêncio me proporcionou. Não poderei, jamais, dizer-lhe do conteúdo e do prazer das horas gastas, entre riso e alumbramento, na companhia do camarada Michel Laban, enquanto fazíamos jogo de propor labirintos e chaves dos mistérios que reconhecemos ou reinventámos nos seus textos.

Nós, os que viemos a nascer depois da independência, e os outros que nos seguiram nesse tempo dos anos oitenta, e ainda os mais recentes, pelo menos os que se movem em águas de alguma lucidez, estamos (minimamente) atentos e expectantes. Desculpe se falo também por outros (mas sei que uns poucos me hão de desculpar se eu lhe pedir) que não se esqueça, se lhe for possível, que o nosso futuro, o das pessoas e o do país, ainda aguarda por mais palavras suas. Sim, queremos ler *o desenho na areia* pouco antes de ser apagado. Para que exercitemos também a arte de não esquecer.

(...)

Não sei se a sua obra chegou ao lugar que um dia pensou para ela, ou para si. Mas que ninguém se engane: em qualquer parte do mundo, aquilo que são os seus “materiais literários” chegou ao lugar onde se fez e se faz a melhor literatura. Pela sua personalidade e qualidade, sem dúvida. Mas sobretudo pelo seu olhar inconfundível. A sua voz: única.

Isso, como sabem os deuses e os mais-velhos, está reservado a muito poucos.

Nós, os mais-novos, lemos, choramos. E agradecemos.

Ondjaki é escritor angolano, licenciado em sociologia, doutorado em estudos africanos e com formação em interpretação teatral. Tem 21 obras publicadas, e a sua obra engloba poesia, contos, peças de teatro e romance. Entre os vários prémios que têm vindo a reconhecer a sua obra destacam-se o Prémio Jabuti, atribuído ao livro *Avó Dezanove e o Segredo do Soviético*, em 2007; o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores, recebido em 2010 com a antologia de contos *Os da minha rua* e, mais recentemente, em 2013, o Prémio José Saramago, pelo romance *Os transparentes*. Cultiva a colaboração com o teatro e o documentário (filmou com Kiluanje Liberdade *Oxalá cresçam pitangas – histórias da Luanda*, 2006) e tem também uma faceta de pintor. As suas obras literárias estão traduzidas em várias línguas.